

A PRODUÇÃO DE MÍDIA NA ESCOLA: ESPAÇOS DE COLABORAÇÃO.

Regina Célia Fortuna Broti Gavassa



Regina Célia Fortuna Broti Gavassa
Professora da Rede Municipal de Ensino de São Paulo, exercendo atualmente a função de Gestora dos Programas “Informática Educativa” e “Nas Ondas do Rádio” na Diretoria Regional de São Mateus, Especialista em Informática Educativa e Mídias na Educação, Licenciada em Estudos Sociais e Pedagogia.

Resumo

Este artigo apresenta pesquisa participativa com uma discussão sobre o uso de mídia numa escola de ensino fundamental do Município de São Paulo. Partindo do princípio de que a convergência midiática não acontece por meio de aparelhos e sim pela interação entre pessoas, que aprendem por novas maneiras, por novos caminhos e de forma contínua, como autores de seu conhecimento, buscou, pela análise bibliográfica, observação, e alguns relatos entender como a produção de mídia nesta escola e a introdução do ciberespaço numa relação mista entre espaço virtual e presencial, favoreceram a discussão em torno da produção e da construção de espaços colaborativos de aprendizagem.

Palavras-chave: Mídia, ciberespaço, inteligência coletiva, educomunicação, comunicação, educação.

Introdução

A revolução tecnológica que estamos presenciando obriga as pessoas a desenvolver novas estratégias de adaptação e incorporação dessas tecnologias ao seu dia a dia, transformando inclusive as formas de comunicação com o outro. Se as pessoas mudam e se adaptam ao novo, a educação também tem que mudar, e é na pesquisa e discussão que encontraremos algumas das soluções para essa convergência de mídias e educação.

Estudos teóricos recentes e reconhecidos, cada vez mais, apresentam temas como: inteligência coletiva, múltiplas competências, cibercultura e cultura participatória, os quais também já estão sendo incorporados na rede de ensino do Município de São Paulo que enfatiza os processos para o desenvolvimento de

competências de Informação e Comunicação, e ao protagonismo infanto-juvenil, através dos programas de “Informática Educativa” e “Nas Ondas do Rádio”.

Estamos diante de fatos que nos leva a questionar: a produção de mídias na escola de forma colaborativa pode ser considerada estratégia para aguçar no aluno uma predisposição em aprender?

“No Mundo da convergência das mídias, toda história importante é contada, toda marca é vendida e todo consumidor cortejado por múltiplas plataformas de mídia” (JENKIS, 2009 p.29). Jenkins define a convergência como transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais.

Neste sentido a habilidade em usar as ferramentas de múltiplas funções, como os celulares não é suficiente é a interação com o outro que fortalece o poder midiático. Poder que incentiva a procura por novas informações, que estão disponíveis on line e facilitadas pela interatividade e troca com o outro.

No sentido de preparar os aprendizes para os desafios do século XXI são atribuídos novos objetivos à educação. Entre esses objetivos estão inseridos o ensino para a aquisição de competências descritos por Delors em seu relatório para a Unesco⁸².

A tecnologia permite hoje a realização de atividades diferentes em um mesmo aparelho, trazendo a multiplicação de possibilidades de escolha. A escola, ao mesclar o espaço presencial com o espaço virtual possibilita ao aprendiz experiências em diversos espaços, mais abertos e com diversos conteúdos, comunicacionais, instrucionais e de interação social, mudando consideravelmente a relação com o saber.

Essas premissas motivaram a escolha do tema de pesquisa, que estuda o ambiente virtual, avaliando seu potencial como facilitador da aprendizagem colaborativa.

Utilizou-se como metodologia a pesquisa participativa, no acompanhamento de projetos com participação e gestão coletiva de professores e alunos monitores de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental. Contou com a observação e registro de opiniões de professores e alunos na experimentação de uma relação aprendizagem horizontal com utilização de mídia como material de estudo, meio de

⁸² Relatório da Comissão Internacional sobre a Educação no Século XXI para a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). O Relatório foi coordenado por Jacques Delors e publicado em forma de livro (Educação: Um Tesouro a Descobrir – UNESCO, MEC, Cortez Editora, São Paulo, 1997)

comunicação entre aluno/aluno e professor/aluno e ainda como apresentação do resultado final.

A frente será apresentado um recorte do referido estudo que apresentam uma possibilidade de elaboração e compreensão de estratégias que contribuem para uma horizontalidade nas relações professor/aluno, auxiliadas pelo uso do espaço virtual que favoreceram a discussão e ampliação de espaços colaborativos.

1 Ensinar , aprender, inteligência coletiva e educomunicação.

Ensinar é muito mais que transmitir conteúdos; para o educador Paulo Freire (1996), ensinar é criar possibilidades para a produção do saber, respeitando o que o educando já sabe, ou seja, estabelecendo relação entre os saberes curriculares e a experiência social de cada aluno e reforçando sua capacidade crítica.

Ensinar é também aprender, professores e alunos devem ser protagonistas atuando de forma ativa no processo de aprendizagem.

Paulo Freire defende uma reflexão crítica sobre a prática educativa, necessária para que o discurso vire prática e não apenas uma reprodução alienada de teoria.

Celestin Freinet já defendia, em 1935, que o trabalho e a cooperação devem vir em primeiro plano; para ele, a atividade é o que orienta a prática escolar e o objetivo final da educação é de formar cidadãos para o trabalho livre e criativo, colocando aluno e professor no mesmo nível de igualdade e camaradagem. Freinet apontava que a criança é capacitada para raciocinar sobre a atividade proposta, sendo assim capaz de opinar e escolher o que deseja realizar e deve ser ouvida.

Para MORAN (2007, p.59) “A educação é fundamentalmente um processo de comunicação e de informação, de troca de informações e de troca entre pessoas.” E a escola “pode transformar-se em um espaço privilegiado de comunicação profunda, rica, aberta, inovadora, crítica” um espaço para organizar o caos de informações e ideias do qual os alunos enfrentam diariamente.

Ampliam-se as possibilidades, os caminhos, os espaços. Se o olhar do educador for de encontro às possibilidades de um ensinar mais compartilhado que oriente e permita uma participação ativa do aluno, a tecnologia será de grande utilidade e certamente poderá mudar a relação professor aluno levando-os a atuar em parceria.

Na inserção dessa nova tecnologia, há de se atentar para a ação pedagógica pois existe um risco, apontado por Romancini (2010 p. 181), a “possibilidade do ‘novo’ contexto do ciberespaço educativo reforçar tendências mais informacionais do que comunicativas. Essas foram ou são hegemônicas em certas concepções de ação pedagógica com uso de tecnologia.”

Como prever ou direcionar a aprendizagem no ciberespaço com foco na comunicação, sem participar dele, é algo inimaginável, além de participar, é necessário permitir e provocar a discussão e a reação dos envolvidos. É importante saber mediar.

A inteligência coletiva é muito discutida na educação à distância, mas é uma inteligência segundo LÉVY (1998 pág. 29) “distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências” sendo assim, está no espaço escolar, mas precisa ser discutida para ser reconhecida como prática na construção do conhecimento.

O fato de que a escola de ensino fundamental ser presencial não significa dizer que não está também on-line. A escola está on-line através dos blogs e portais usados para publicação e divulgação das atividades nela realizadas.

O aluno é receptor e disseminador de conteúdos veiculados nos diversos meios de comunicação, cabe ao professor interagir com esse aluno e com esse conteúdo trazido pelo aluno agindo como formador, como mediador instigando sua criatividade.

Pierre Lévy defende que ao analisar tudo aquilo que, em nossa forma de pensar, depende da oralidade, da escrita e da impressão, descobrimos que aprendemos o conhecimento por simulação, e o uso de mídias digitais envolve muito a oralidade e escrita. E completa afirmando que: “Fora da coletividade, desprovido de tecnológicas intelectuais, “eu” não pensaria.” (LÉVY, 1993, p.135). Essa afirmação fortalece a necessidade de estabelecer comunicação com o outro. Necessidade essa que os nativos digitais⁸³ buscam sanar incessantemente na várias formas de se comunicar principalmente utilizando-se de seus aparelhos móveis de comunicação, e ainda na convergência de mídias interagindo nas ferramentas colaborativas disponibilizadas na Web 2.0 e produzindo conteúdo.

⁸³ Nativo digital – aquele que nasceu e cresceu com as tecnologias digitais presentes em sua vivência

A escola, ao propor o uso dessas mídias já integradas ao dia a dia do aluno e mediando as atividades desenvolvidas com esta mídia, cumpre sua função social, pois, contribui para que o aluno identifique o que é relevante, orienta as relações de interação e colaboração entre os aprendizes e favorece os processos de produção do conhecimento.

Nesse contexto a escola estará mudando o paradigma para uma educação dialógica e colaborativa, com alunos e professores compartilhando recursos e informações, aprendendo juntos, favorecendo também a educação autêntica. Nas palavras de Paulo Freire, “A educação autêntica, repitamos, não se faz de A para B, ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo.

Esse novo espaço de colaboração traz para a escola novas formas de comunicação, socialização e mediação, características presentes e facilitadoras da Educomunicação.

A aprendizagem se dá na medida em que o indivíduo sente-se tocado, envolvido, conectado. Desta maneira o ambiente mediado por tecnologia pode ajudar a produzir sentidos, convertendo-se em mediação. É o sentido que provoca a aprendizagem, não a tecnologia... (SOARES, 2002, p.20).

Soares define Educomunicação, como um conjunto de atividades voltado para o conhecimento e uso dos meios de comunicação numa perspectiva de prática da cidadania.

2 Projetos analisados

Foram observados e registradas opiniões sobre dois projetos desenvolvidos na escola. O primeiro “Comunicação Necessária” e o segundo “Resgate Histórico”. Projetos individuais, mas ligados pela presença dos alunos do primeiro projeto como monitores no segundo.

Os projetos relatados na pesquisa tiveram suas ações registradas em uma rede social, o Multiply⁸⁴. Pautas, atas e troca de informações entre o grupo e produções colaborativas.

⁸⁴ Multiply é um serviço de rede social com plataforma parecida com a do Facebook, conecta pessoas mas privilegia a criação de conteúdos. www.multiply.com

Comunicação Necessária contava com 20 alunos de turmas diferentes entre 6ª a 8ª séries do Ensino Fundamental.

É um projeto de vertente educacional, com a gestão conjunta dos processos comunicacionais, que valoriza a ação de grupo (monitores e professores) na tomada de decisões quanto a escolha do espaço virtual a ser utilizado e organização deste, tipos de mídias utilizadas e também no planejamento de ações para a produção da mídia.

Utilizando-se da produção das mídias Blog, Jornal Mural e Rádio os alunos abordavam temas do cotidiano na tentativa de melhorar o espaço escolar. Uma oportunidade para que os alunos possam se manifestar sobre problemas que atingem seu dia a dia. Outra ação era o acompanhamento e registro de atividades das turmas do Ciclo Inicial, a convite dos professores, para divulgação no Blog.

Este mesmo grupo participa como Imprensa Jovem do Programa Nas Ondas do Rádio, fazendo coberturas jornalísticas de eventos na cidade.

As discussões e formações semanais deste grupo tem mudado a relação de todos os envolvidos (alunos e professores) com a produção de mídia, pois entendem o fascínio e o poder que esta mídia exerce sobre as pessoas, que podem ser percebidas em algumas ações e relatos.

“para escrever antes temos que ter certeza sobre o que estamos falando para não passarmos conhecimentos errados para os outros”
(Aluna Jaqueline – 8ª Série)

Ao publicar, levamos o conhecimento alterado por nós aos outros
(Aluna Bárbara – 8ª Série)

O relacionamento constante com professores e colegas da escola tem colaborando para o desenvolvimento de competência na área de relações interpessoais.

Observou-se também uma admiração e confiança no trabalho realizado pelos alunos, e uma satisfação dos professores no uso do espaço virtual colaborativo.

“É muito gratificante poder ver seu trabalho divulgado dessa maneira, é bom ver como esses alunos nos ajudam” (Prof. B)

“É excelente, um instrumento de comunicação e troca de ideias entre os alunos da turma e os demais alunos da escola.” (Professora S)

“Eu acho muito interessante, os alunos ficam motivados por poderem compartilhar dos seus trabalhos com outras pessoas e também tomarem conhecimento das experiências de outros alunos/escolas.”
(Professora RC)

Projeto Resgate Histórico, realizado durante as aulas no laboratório de Informática com participação da POIE e do professor da disciplina de História que envolveu as quatro turmas de 6º ano do Ensino Fundamental, alunos na faixa etária de 11 anos, com 01 hora aula semanal por turma. A proposta foi a realização de entrevistas com pessoas da Unidade Escolar ou pessoas da comunidade com a finalidade de resgatar informações da história do bairro e da escola, com uma reportagem final, produzida de forma colaborativa para publicação na Internet e Jornal Mural.

A presença dos alunos monitores no decorrer do projeto foi de fundamental importância, pois conseguiam encurtar a ponte existente entre alunos e professores com suas contribuições.

Considerações finais

Esta pesquisa destaca a produção de mídia no espaço escolar como um processo de reflexão e mostra possibilidades no uso do ciberespaço no ensino fundamental, como facilitador para a construção de um espaço colaborativo de aprendizagem e ampliação dos processos comunicacionais entre aluno/professor, favorecendo o compartilhamento de ideias.

Do ponto de vista da aprendizagem, é importante destacar que o uso de mídia como foi realizado na Escola pesquisada, numa proximidade de concepção construtivista, não apenas como fonte de estudo, mas, também como produto de um processo aguçou a vontade de aprender.

Na observação dos projetos descritos, notou-se uma mudança significativa na relação professor aluno, no que diz respeito ao processo de construção coletiva e também de gerenciamento conjunto da produção de mídia que, embora tenham acontecido ainda em um pequeno grupo, leva a discussão dessas ações para o espaço coletivo de formação dos professores, possibilitado uma reflexão sobre a

prática docente, mas não consolida ainda uma mudança de paradigma na relação ensinar/aprender.

Romancini destaca que sobre educar com os meios “a capacidade para o uso dessas outras linguagens e trocas comunicativas que podem ocorrer a partir delas não é inata e deve ser adquirida.(...) A apropriação que o professor fará da tecnologia e a possibilidade de utilizar diferentes possibilidades e linguagens, estimulando também seus alunos, dependerá, por isso, de seu nível de competência midiática ou tecnológica”. (ROMANCINI, 2010 p. 187).

A produção de mídia tem alterado para esse grupo a relação aluno/mídia a partir do momento em que se discute o processo de produção, o público que se deseja atingir e a responsabilidade de quem a produz.

O fato de docentes e alunos experimentarem o compartilhamento dos recursos materiais e o ciberespaço pode ser um indício de que a aprendizagem pode alcançar a interatividade favorecendo a inteligência coletiva.

Lévy (1998, p. 25) já havia apontado para a ideia de que o papel da informática e das técnicas de comunicação com base digital poderia “promover a construção de coletivos inteligentes, nos quais as potencialidades sociais e cognitivas de cada um poderão desenvolver-se e ampliar-se de maneira recíproca”.

Do ponto de vista teórico-prático podemos arriscar dizer aqui que pode haver uma forte relação entre a Educomunicação e inteligência coletiva. A Educomunicação como estratégia para a produção midiática, permitindo que todos tenham a oportunidade de expressar-se, e essa produção traz um mergulho ao pensamento, à inteligência desses indivíduos que a produziram, mais ainda, torna possível pela interação com esses indivíduos e pensamentos, modificá-los, influenciá-los ou simplesmente aceitá-los, pois este pensamento já não é apenas seu, tornou-se coletivo.

Referências:

FREIRE, Paulo,.*Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*, 9ª Edição, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. São Paulo: Aleph, 2008.

LÉVY, Pierre;. *As Tecnologias da Inteligência: O futuro do pensamento a era da informática*. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1993. 208 p. (Coleção TRANS)

_____. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. Ed Loyola, 1998.

_____. *O que é Virtual?* – 1956 – tradução de Paulo Neves – São Paulo: Ed.34, 1996

_____. *Cibercultura*. São Paulo, Ed.34, 1999.

MORAN, José Manuel. *A Educação que desejamos* – Novos desafios e como chegar lá. – Campinas,SP: Papirus, 2007

ROMANCINI, Richard - Web 2.0 e EAD: riscos e possibilidades – *Em Questão*, Porto Alegre, v.16, n.1 p. 179 - 192, jan/jun 2010 - disponível em: <http://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/12975> acesso em 15/07/2011

SANCHO, J.M.;HERNANDEZ, F. et al. *Tecnologias para transformar a Educação*. Porto Alegre; tradução Valério Campos; Artmede, 2006

SOARES, Ismar -- *Ismar Soares define o conceito de Educomunicação*

Entrevista concedida para Wikidução disponível em:

<http://www.anj.org.br/jornaleeducacao/biblioteca/entrevistas/ismar-soares-define-o-conceito-de-educomunicacao>